

MERCADO DE TRABALHO

Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

Sumário

O mercado de trabalho brasileiro vem apresentando, desde meados de 2021, trajetória de forte dinamismo, marcada por expressiva expansão da população ocupada, com efeito significativo sobre a redução do desemprego. Adicionalmente, a melhora dos indicadores de ocupação formal, subocupação e desalento completam este cenário positivo do emprego no país.

Em julho de 2022, o dado mensal produzido pelo Ipea,¹ com base nas séries de trimestres móveis da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, revela que a taxa de desocupação recuou pelo décimo quarto mês consecutivo, chegando a 8,9% e atingindo o menor patamar desde julho de 2015. Por conseguinte, a população desocupada recuou 28,7% entre julho de 2021 e 2022 – ou seja, quase 4 milhões a menos –, passando de 13,6 milhões para 9,7 milhões. Esta queda do desemprego reflete o bom desempenho da população ocupada, cujo ritmo de crescimento vem surpreendendo positivamente, de modo que, em julho, o contingente de ocupados na economia brasileira avançou 7,5%, na comparação interanual, abarcando aproximadamente 100,2 milhões de pessoas. Nota-se, ainda, que este efeito positivo do bom desempenho da ocupação sobre a redução do desemprego poderia ser ainda maior, se não fosse o aumento da taxa de participação,² impulsionada por um crescimento potente da força de trabalho. Segundo os dados mensalizados, em julho, mais de 110 milhões de pessoas formavam a força de trabalho brasileira, o que significa aumento 2,8% na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

Adicionalmente, o cálculo dos fluxos de transição dos indivíduos no mercado de trabalho, obtidos a partir dos microdados trimestrais da PNAD Contínua, indica que este aumento da população ocupada deve-se, especialmente, à redução do fluxo de saída da ocupação, que recuou de 49,3% para 45,9%, entre o primeiro e o segundo trimestre de 2022.³ Os dados mostram também que esta queda no fluxo de saída no segundo trimestre de 2022 se deve tanto ao recuo no fluxo da ocupação para o desemprego – que passou de 2,3% para 1,7% – quanto no fluxo de saída da ocupação para a inatividade – que passou de 4,8% para 4,2%. De modo com-

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Carlos Henrique Corseuil

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

carlos.corseuil@ipea.gov.br

Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

lauro.ramos@ipea.gov.br

Felipe Mendonça Russo

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

felipe.russo@ipea.gov.br

Divulgado em 19 de setembro de 2022.

1. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Hecksher, disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200409_nora_tecnica_n_62_disoc.pdf>.

2. Total de pessoas ocupadas ou procurando ocupação (isto é, a população economicamente ativa ou força de trabalho) em relação à população em idade ativa.

3. Desses percentuais, a maior parte (aproximadamente 40%), corresponde a entradas e saídas da amostra, que aproximadamente se compensam.

plementar, esse panorama positivo para a evolução da população ocupada, no segundo trimestre de 2022, é corroborado pelo crescimento nos fluxos de entrada para a ocupação provenientes tanto do desemprego (2,1% para 2,6%) como da inatividade (3,7% para 4,5%).

Deve-se salientar, ainda, que essa expansão da ocupação vem ocorrendo de forma generalizada, abrangendo todas as regiões, todos os segmentos etários e educacionais e todos os setores da economia. De acordo com os dados da PNAD Contínua trimestral, a comparação interanual indica que, embora no segundo trimestre de 2022, proporcionalmente, as maiores quedas da taxa de desemprego tenham sido verificadas nos grupos de trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos, o aumento da ocupação foi mais intenso entre os trabalhadores mais jovens (15,1%) e os mais idosos (18,0%). No caso da desagregação por escolaridade, a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que, proporcionalmente, a queda mais acentuada da taxa de desocupação, novamente, aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior, cuja alta da ocupação (4,1%) foi mais intensa que a observada na força de trabalho (0,2%). Já a abertura setorial revela que, à exceção dos grupos agricultura e administração pública, todos os demais setores pesquisados pelo IBGE apresentaram, no segundo trimestre de 2022, crescimento interanual da ocupação, com destaque para os segmentos de alojamento e alimentação (19,9%) e serviços pessoais (15,0%).

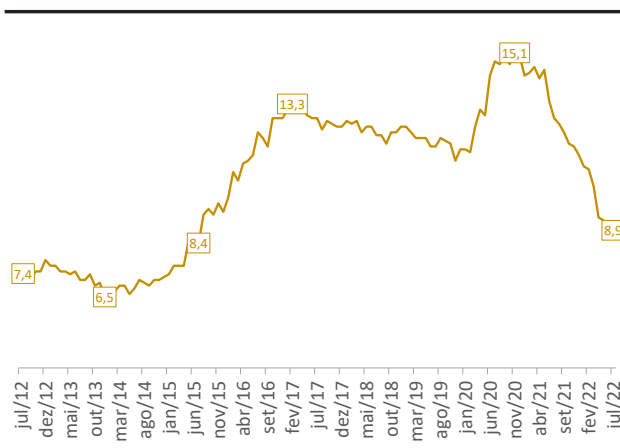
Assim como vem ocorrendo com a ocupação, a melhora dos indicadores de subocupação e desalento ratificam este cenário de recuperação do mercado de trabalho no país. Em julho, o conjunto de trabalhadores que se declararam subocupados correspondia a 6,1% do total da ocupação, ou seja, de 2,2 pontos percentuais (p.p.) inferior ao apontado em julho de 2021. Já a proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho recuou de 4,4% para 3,6%, entre julho de 2021 e de 2022. Por fim, vale ressaltar que, embora, proporcionalmente, a maior parte das vagas esteja sendo gerada nos setores informais, o emprego formal também apresenta forte trajetória de alta. De acordo com a PNAD Contínua, no trimestre móvel encerrado em julho, enquanto o montante de trabalhadores sem carteira no setor privado avançou 19,8%, na comparação interanual, o contingente de ocupados com carteira no setor privado cresceu 10%.

1 Aspectos gerais

Em julho, após a mensalização das séries trimestrais extraídas da PNAD Contínua, a taxa de desocupação ficou em 8,9%, recuando 3,9 p.p. na comparação interanual. Em termos dessazonalizados, a desocupação de 8,9%, em julho, é a menor desde julho de 2015 (gráfico 1). O número de desocupados foi reduzido em 28,7%, passando de 13,6 milhões, em julho de 2021, para 9,7 milhões em julho de 2022.

Esta queda da desocupação reflete o bom desempenho da população ocupada, que vem crescendo desde abril de 2021. Ainda de acordo com a série mensal obtida a partir dos dados da PNAD Contínua, em julho, o número de ocupados na economia brasileira chegou a 99 milhões, avançando 7,5% na comparação anual. Já os dados dessazonalizados indicam um contingente ainda maior – 100,2 milhões (gráfico 2). Este crescimento do

GRÁFICO 1
Taxa de desocupação dessazonalizada
(Em %)

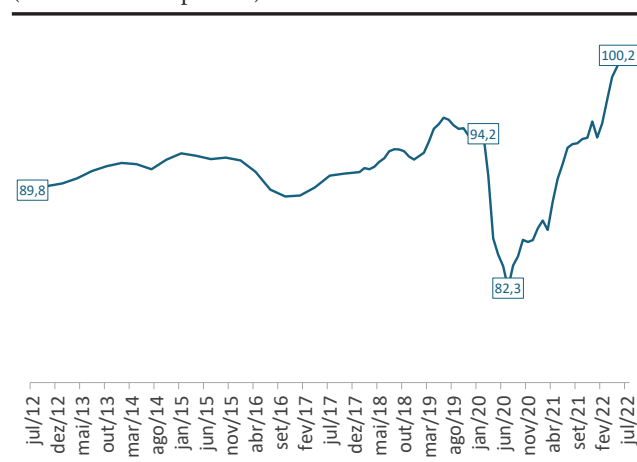


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

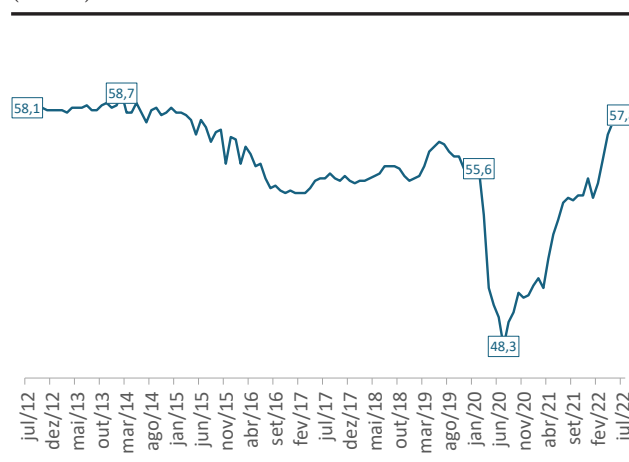
número de ocupados também vem gerando melhora da taxa de ocupação no mercado de trabalho. Em julho, após a dessazonalização, a proporção de ocupados em relação ao total da população em idade ativa era de 57,8% (gráfico 3).

GRÁFICO 2
População ocupada: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

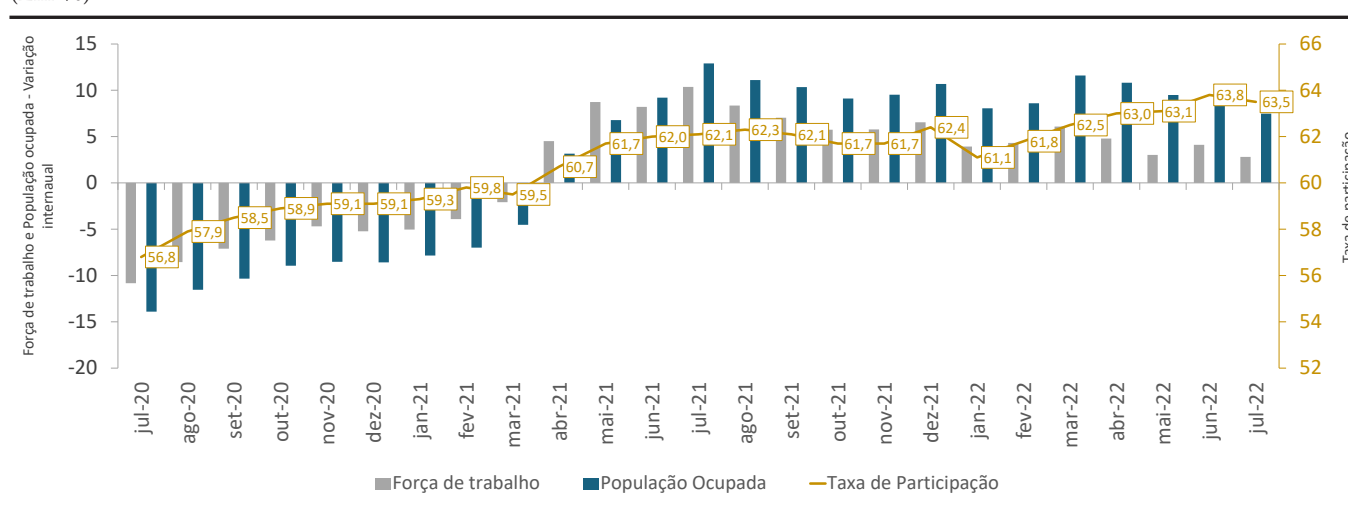
GRÁFICO 3
Taxa de ocupação dessazonalizada
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Os dados mostram ainda que o impacto positivo do aumento da ocupação sobre a redução do desemprego vem ocorrendo mesmo diante do crescimento da taxa de participação,⁴ que avançou de 62,1% em julho de 2021 para 63,5% em julho de 2022 (gráfico 4). Este aumento da taxa de participação reflete uma expansão mais forte da força de trabalho, cujo contingente de 108,7 milhões de pessoas, apurado em julho, é 2,8% maior que o registrado no mesmo período do ano passado. Na série livre de sazonalidade, a força de trabalho, em julho, chegou a 110,1 milhões (gráfico 5).

GRÁFICO 4
Indicadores do mercado de trabalho
(Em %)

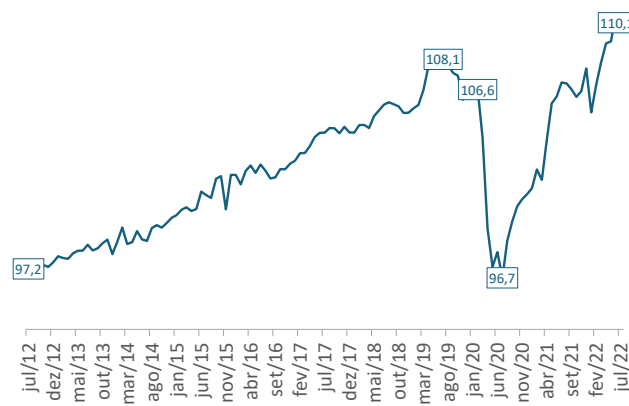


Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4. Total de pessoas ocupadas ou procurando ocupação (isto é, a população economicamente ativa ou força de trabalho) em relação à população em idade ativa.

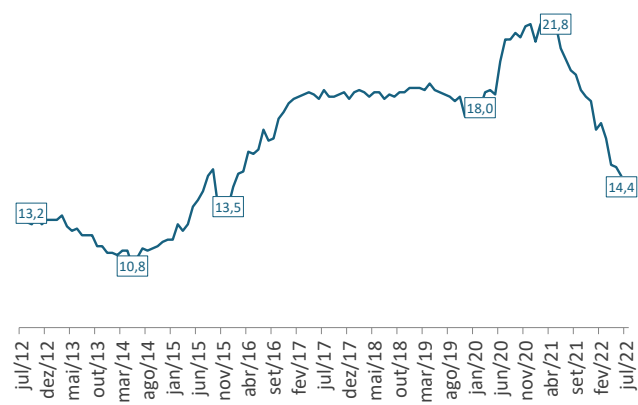
De modo semelhante à desocupação, a melhora das condições do mercado de trabalho também vem possibilitando o recuo da população subocupada⁵ e desalentada.⁶ Em julho, 6,1 milhões de trabalhadores se declararam subocupados, o que representa uma queda de 21,9% na comparação interanual. Logo, o percentual de subocupados em relação ao total da ocupação caiu de 8,3%, em julho de 2021, para 6,1%, em julho de 2022. Por conseguinte, a taxa combinada de desocupação e subocupação chegou a 14,4% em julho, situando-se no menor patamar desde dezembro de 2015 (gráfico 6). Já em relação ao desalento, observa-se que, em julho de 2022, o número de desalentados no país era de aproximadamente 4,2 milhões, 16,9% menor que o de julho de 2021. Conseqüentemente, a proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho recuou novamente, chegando a 3,6% em julho (gráfico 7).

GRÁFICO 5
Força de trabalho: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



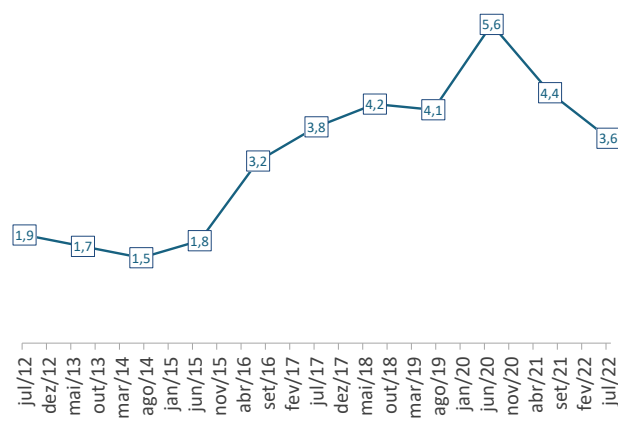
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6
Taxa combinada de desocupação e subocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
Proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A melhora do mercado de trabalho ocorre também de forma qualitativa, tendo em vista que, embora a maior parte das novas vagas ainda esteja sendo gerada nos segmentos informais da economia, é clara a trajetória de forte recuperação do emprego formal. De acordo com a PNAD Contínua, no trimestre móvel, encerrado em julho de 2022, o contingente de trabalhadores com carteira avançou 10,0%, na comparação interanual,

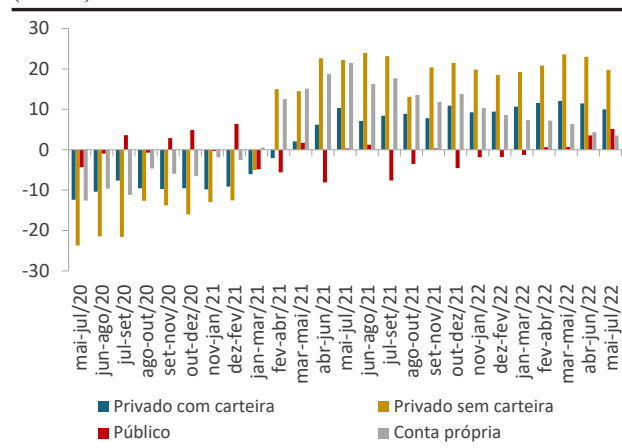
5. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere à população que está trabalhando menos de 40 horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

6. Segundo o IBGE, desalentados são pessoas que gostariam de trabalhar e estariam disponíveis, porém não procuraram trabalho por acharem que não encontrariam.

enquanto o contingente de ocupados sem carteira aumentou 19,8%. No caso dos ocupados no setor público e por conta própria, as taxas de expansão observadas foram de 5,1% e 3,5%, respectivamente (gráfico 8).

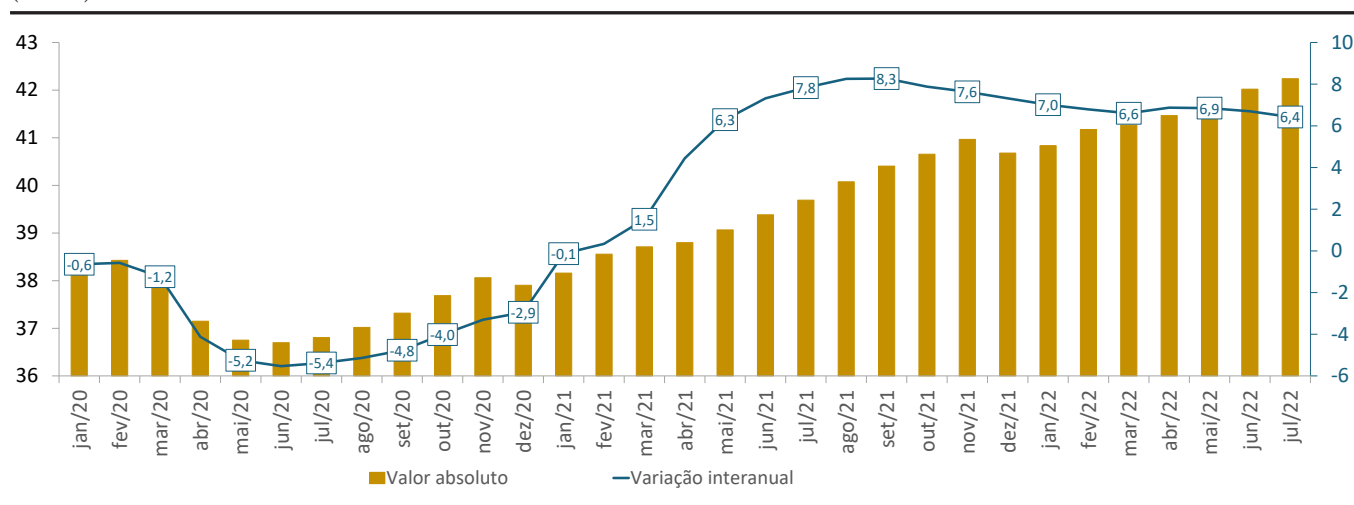
Em consonância à pesquisa do IBGE, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) também retratam esta retomada do emprego formal. Segundo as estatísticas divulgadas pelo Ministério do Trabalho, nos doze meses encerrados em julho de 2022, a economia brasileira gerou mais de 2,55 milhões de novas vagas com carteira assinada. Desta forma, o estoque de trabalhadores formais registrado pelo Novo Caged, em julho, chegou a 42,2 milhões, o que representa alta de 6,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior (gráfico 9).

GRÁFICO 8
População ocupada por vínculo empregatício (taxa de variação interanual)
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9
Novo Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual
(Em %)



Fonte: Novo Caged/Secretaria de Trabalho.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

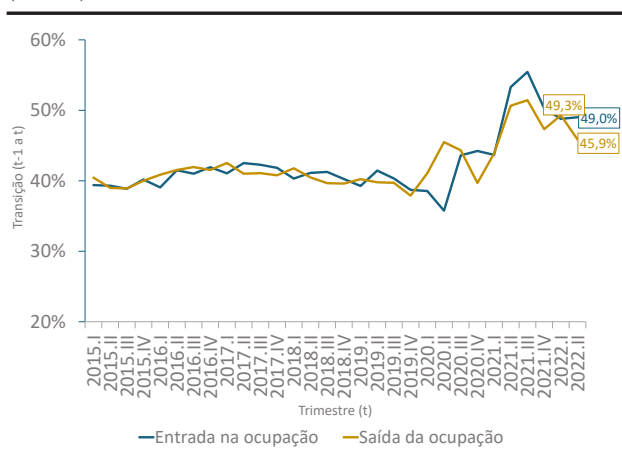
2 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

Um retrato mais detalhado do mercado de trabalho pode ser obtido através da análise dos determinantes da evolução da ocupação e do desemprego sob uma perspectiva dinâmica, pelo exame da evolução das transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos no mercado de trabalho, complementando a tradicional análise da evolução dos estoques. Para tal, utilizam-se os microdados da PNAD Contínua, cuja estrutura prevê que domicílios e seus moradores sejam entrevistados cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. Assim, a comparação da informação fornecida em duas entrevistas permite quantificar as transições individuais entre diferentes posições ocupadas no período compreendido pelas entrevistas.⁷

7. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio, de forma que, para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo, foi usado também o gênero e data de nascimento dos entrevistados.

Os gráficos 10 e 11 mostram os fluxos de entrada e saída para a ocupação total e para o emprego formal, respectivamente.⁸ Estes fluxos são normalizados pela população ocupada estimada no primeiro dos dois trimestres considerados para identificar o respectivo fluxo. A diferença entre as duas linhas em cada gráfico é equivalente, por construção, ao crescimento percentual da população ocupada (gráfico 10) e do emprego formal (gráfico 11), no respectivo trimestre identificado no eixo horizontal do gráfico. Em relação aos fluxos referentes à ocupação total, o gráfico 10 revela que a melhora no crescimento da população ocupada entre o primeiro e o segundo trimestres de 2022 se deve preponderantemente a uma redução do fluxo de saída da ocupação de 49,3% para 45,9%. Isso, aliado a uma relativa estabilidade no fluxo de entrada na ocupação, garantiu que o fluxo de entrada voltasse a superar o de saída da ocupação.

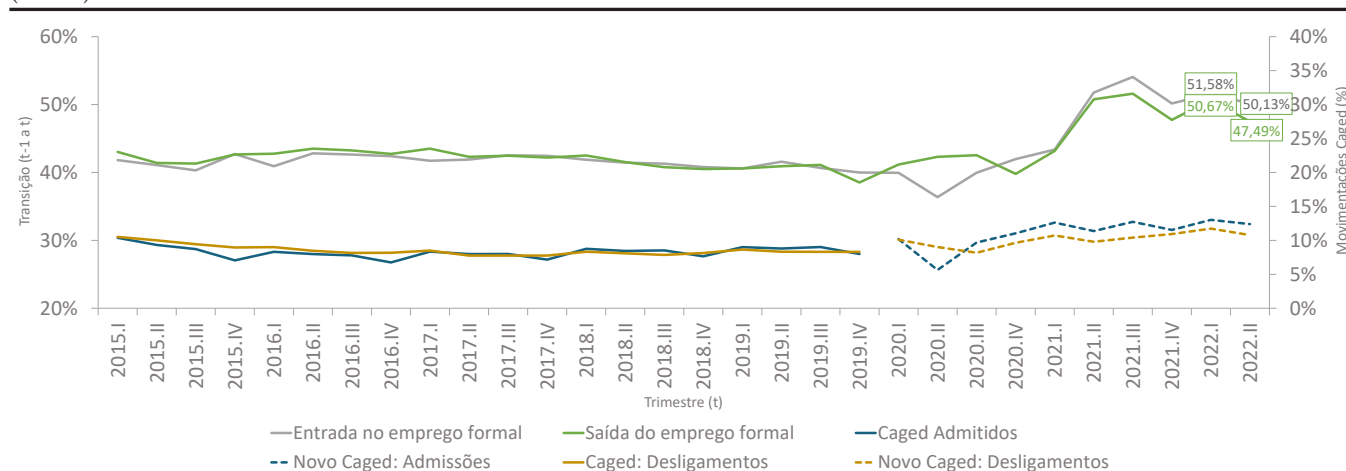
GRÁFICO 10
Fluxos de saída e entrada para ocupação após o primeiro trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já o gráfico 11 revela que a diminuição no fluxo de saída também é determinante para o crescimento do emprego formal no segundo trimestre de 2022. Entretanto, nesse caso, observa-se que o fluxo de entrada também apresenta uma queda, porém, dado a sua menor magnitude, esta não chega a anular a contribuição da queda no fluxo de saída. Vale dizer que os dados do Novo Caged referendam esse padrão ao apontar queda tanto nas taxas de admissões como de desligamento do emprego formal no segundo trimestre de 2022, conforme pode ser observado nas linhas pontilhadas do gráfico 11.⁹

GRÁFICO 11
Fluxo de saída e entrada para empregados formais¹ após o primeiro trimestre e movimentações de vínculos do Caged e Novo Caged
(Em %)



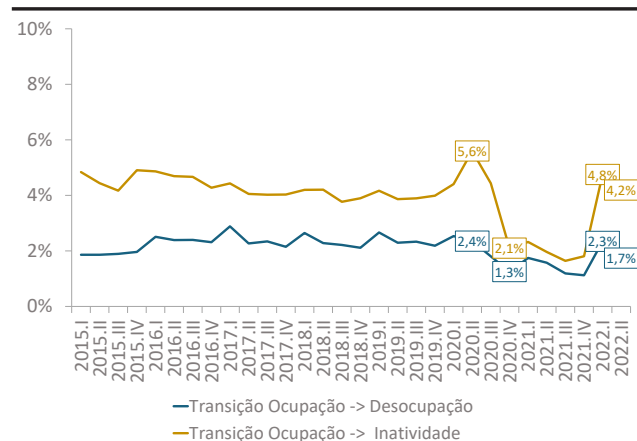
Fonte: Caged e Novo Caged / Secretaria do Trabalho, Ministério da Economia e PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

8. Além disso, foi calculado o saldo de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando esse saldo no trimestre é positivo, ele é acrescido na série das entradas; quando for negativo, na série das saídas.

9. Embora os dados do Novo Caged sejam disponibilizados em bases mensais, optamos por reportar as movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua.

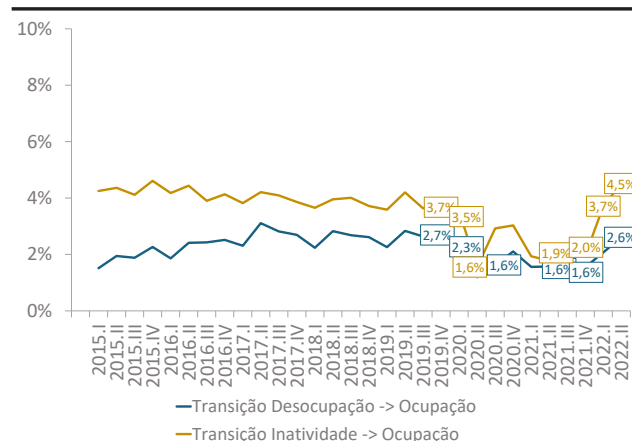
Os gráficos 12 e 13 detalham os destinos e as origens respectivamente dos fluxos envolvendo a população ocupada. O gráfico 12 mostra que a queda no fluxo de saída no segundo trimestre de 2022 (retratada no gráfico 10) se deve tanto a quedas no fluxo da ocupação para o desemprego quanto no fluxo de saída da ocupação para a inatividade. Esse panorama positivo para a evolução da população ocupada no segundo trimestre de 2022 é complementado pelo crescimento nos fluxos de entrada provenientes tanto do desemprego como da inatividade.

GRÁFICO 12
Decomposição das saídas de ocupação após o primeiro trimestre
(Em %)



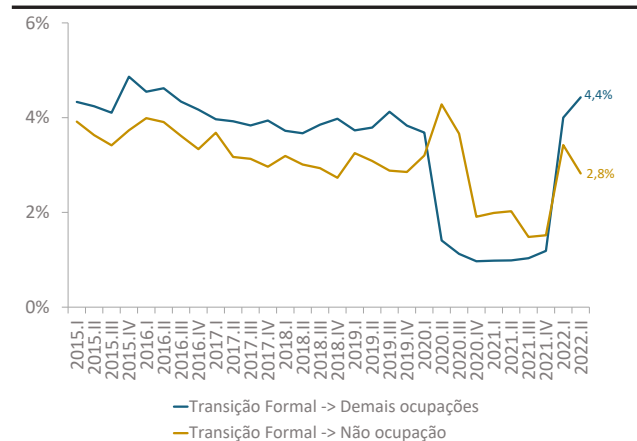
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 13
Decomposição das entradas para ocupação após o primeiro trimestre
(Em %)



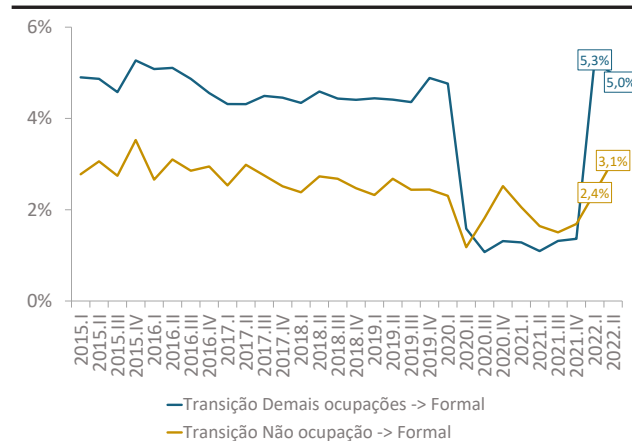
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 14
Decomposição do fluxo de saída do emprego formal¹ após o primeiro trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

GRÁFICO 15
Decomposição do fluxo de entrada para o emprego formal¹ após o primeiro trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

Os gráficos 14 e 15 desagregam de forma similar os fluxos de saída e entrada do emprego formal, respectivamente. Em ambos os casos, os componentes considerados apontam evoluções em direções distintas. O gráfico 14 mostra que a queda no fluxo de saída do emprego formal se deve a uma queda no componente relativo aos trabalhadores que transitam desse segmento para o status de sem ocupação (seja no desemprego ou na inatividade). O fluxo de

saída do emprego formal que tem como destino outro tipo de ocupação (majoritariamente informal) apresenta uma leve subida de 4,0% para 4,4% no segundo trimestre de 2022, em relação ao período imediatamente anterior, sendo compatível com o maior crescimento do emprego informal no mercado de trabalho.

O gráfico 15 confirma para o fluxo de entrada no emprego formal que o fluxo proveniente do não emprego é o responsável pelo movimento positivo captado no gráfico 11, haja vista que a entrada proveniente de outras formas de ocupação apresenta ligeira queda.

3 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no segundo trimestre de 2022, houve queda expressiva do desemprego, em relação ao mesmo período do ano passado, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura regional, a pesquisa mostra que, embora em todas as regiões a desocupação no segundo trimestre tenha ficado bem abaixo da registrada no segundo trimestre de 2021, essa queda foi mais intensa no Centro-Oeste, cuja taxa recuou de 11,6% para 7,0%, no período em questão. Em termos absolutos, a menor taxa de desocupação é a da região Sul (5,6%), enquanto o maior desemprego está na região Nordeste (12,7%). Já em relação às regiões metropolitanas e não metropolitanas, houve queda do desemprego em ambos os segmentos, cujas taxas de desocupação passaram de 16,3% e 12,6% no segundo trimestre de 2021 para 11,1% e 7,9% em 2022.

TABELA 1
Taxa de desemprego
(Em %)

	2019			2020				2021				2022	
	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.
Brasil	12,1	11,9	11,1	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3
Centro Oeste	10,4	10,2	9,5	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5	7,0
Nordeste	14,8	14,6	13,8	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9	12,7
Norte	12,0	11,9	10,7	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7	8,9
Sudeste	12,5	12,0	11,5	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1	9,3
Sul	8,1	8,2	6,8	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5	5,6
Masculino	10,3	10,0	9,2	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1	7,5
Feminino	14,5	14,3	13,4	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7	11,6
18 a 24 anos	25,1	25,1	23,2	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8	19,3
25 a 39 anos	10,9	10,6	10,1	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2	8,3
40 a 59 anos	7,2	7,1	6,5	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1	6,0
Mais de 60 anos	4,9	4,6	4,2	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3	4,0
Não de Chefe Família	15,7	15,2	14,1	15,5	16,9	18,4	17,7	18,6	17,8	15,7	13,6	13,5	11,3
Chefe de Família	7,8	7,8	7,3	8,4	9,7	10,6	9,8	10,4	9,8	8,7	8,0	8,2	6,9
Fundamental Incompleto	11,2	11,4	10,6	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8	8,9
Fundamental Completo	14,1	14,0	12,5	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2	10,4
Médio Incompleto	20,2	20,5	18,4	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3	15,3
Médio Completo	13,6	12,9	12,2	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7	10,6
Superior	8,1	7,7	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1	5,9
Região Metropolitana	13,9	13,5	12,7	13,9	16,0	17,7	17,1	17,1	16,3	14,9	13,1	13,1	11,1
Não Região Metropolitana	10,7	10,6	9,8	11,2	11,8	12,7	12,0	13,2	12,6	10,9	9,6	9,6	7,9

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

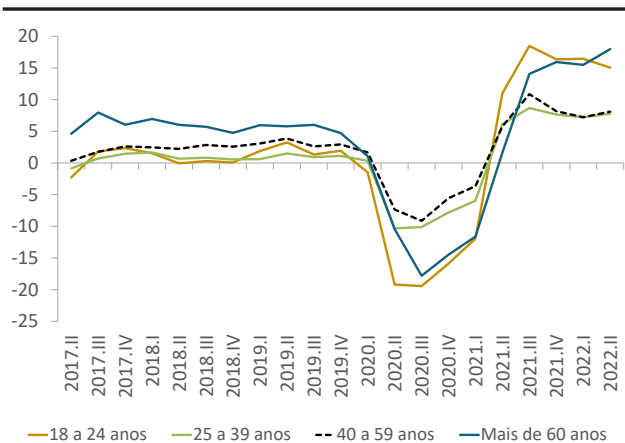
O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, a magnitude da queda do desemprego foi semelhante em ambos os sexos, de modo que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 11,6% para 7,5%, a das mulheres caiu de 17,7% para 11,6%. Já a desagregação por posição familiar indica uma desaceleração da desocupação um pouco mais forte entre os não chefes de família (11,3%, ante 17,8%) comparativamente aos chefes de família (6,9% ante 9,8%).

A abertura por idade mostra que todos os segmentos etários registraram expressivo recuo na desocupação, refletindo a forte expansão da população ocupada (gráfico 16). Embora, proporcionalmente, no segundo trimestre, na comparação interanual, as maiores quedas do desemprego tenham sido verificadas nos grupos de trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos e entre 40 a 59 anos, o aumento da ocupação entre os trabalhadores mais jovens (18 a 24 anos) e os mais idosos (mais de 60 anos) foi mais significativo. Entre os trabalhadores mais jovens, a retração de 9,2 p.p. na desocupação entre o segundo trimestre de 2021 (28,5%) e o segundo trimestre de 2022 (19,3%), é explicada pelo aumento da ocupação (15,1%) em ritmo superior ao registrado pela população economicamente ativa (2,0%). No caso dos trabalhadores mais idosos, observa-se que, mesmo diante de um aumento de 18,0% da ocupação, a taxa de desemprego deste grupo recuou apenas 1,6 p.p., tendo em vista a alta de 16,0% na sua força de trabalho (gráfico 17).

GRÁFICO 16

População Ocupada - por faixa etária

(Variação interanual, em %)



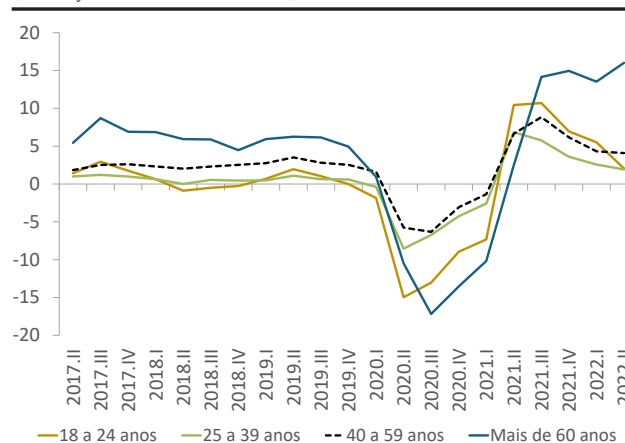
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 17

População Economicamente Ativa - por faixa etária

(Variação interanual, em %)

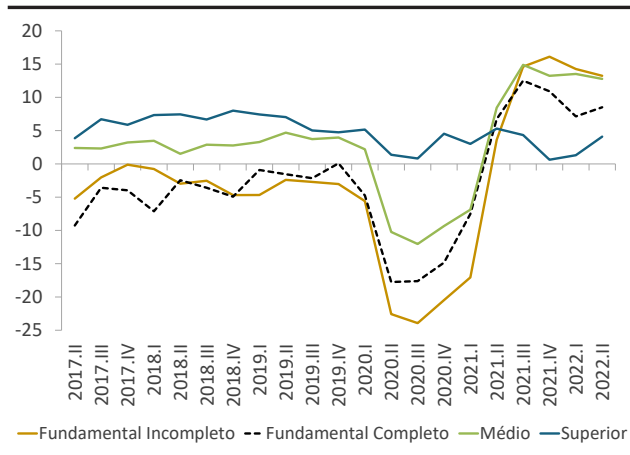


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

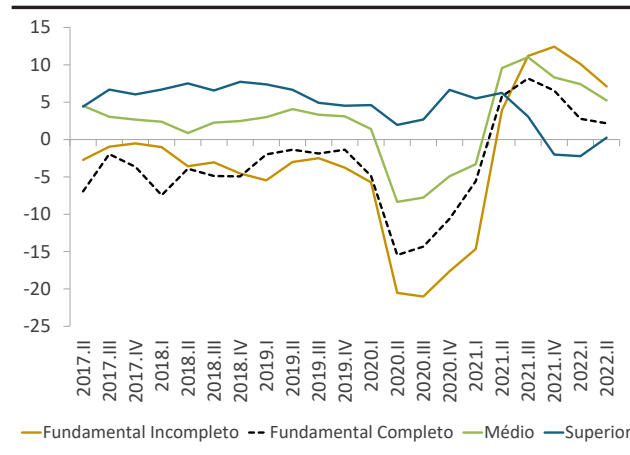
Por fim, o mesmo cenário de expansão da ocupação (gráfico 18) acima da força de trabalho (gráfico 19) explica a queda generalizada da desocupação no segundo trimestre de 2022, em todos os níveis educacionais. Os microdados da PNAD Contínua revelam que, embora as maiores taxas de expansão da ocupação tenham ocorrido nos segmentos fundamental incompleto (13,2%) e médio (12,8%), em termos relativos, a queda mais acentuada da desocupação, novamente, aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior. Entre o segundo trimestre de 2021 e o segundo trimestre de 2022, a desocupação dos trabalhadores mais escolarizados caiu 37%, recuando de 9,4% para 5,9%, refletindo uma alta mais moderada da força de trabalho (0,2%) comparativamente à da ocupação (4,1%).

GRÁFICO 18
População Ocupada - por grau de instrução
 (Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 19
População Economicamente Ativa - por grau de instrução
 (Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Emprego setorial

De acordo com a tabela 2, observa-se que o aumento da população ocupada no segundo trimestre de 2022 reflete uma melhora no comportamento do emprego em praticamente todos os setores. De fato, das treze atividades expostas na tabela, apenas agricultura e administração pública não apresentaram aumento no ano. Em contrapartida, alojamento e alimentação apresentou o maior aumento, seguindo a tendência de recuperação após as sucessivas quedas causada pela pandemia, quando foi um dos segmentos mais afetados. No último trimestre, a PNAD Contínua estima aproximadamente 5,3 milhões de trabalhadores nesse setor, ainda abaixo do seu valor pré-pandemia no segundo trimestre de 2019, de 5,5 milhões, mas em franca recuperação. Serviços de utilidade pública, serviços pessoais e serviços domésticos também apresentaram forte crescimento no ano: 15,3%, 15% e 14,2% respectivamente. Em relação ao primeiro deles, deve-se levar em conta o tamanho relativamente pequeno do setor (quase 750 mil no segundo trimestre de 2022). Em valores absolutos, o setor que mais acrescentou trabalhadores à ocupação foi o de comércio, com expansão de 1,7 milhão de indivíduos, entre o segundo trimestre de 2021 e 2022, de acordo com a PNAD Contínua, sendo seguido pelo setor de alojamento e alimentação, que registrou um crescimento de aproximadamente 880 mil pessoas ocupadas em doze meses.

O crescimento do emprego é quase generalizado entre os diversos setores da economia, tendo sido mais intenso em setores que tendem a ter níveis relativamente mais baixos de produtividade e piores condições de trabalho. Isso pode explicar a evolução bem menos favorável dos indicadores de rendimento em relação aos de ocupação.¹⁰

A tabela 3 mostra a variação anual de trabalhadores por setor de atividade, separando por posição na ocupação. O cenário é de forte crescimento do emprego formal, seja com base nos dados do Novo Caged (primeira coluna),¹¹ seja da PNAD Contínua (segunda coluna).¹² Das 25 taxas de crescimento anual de emprego setorial formal reportadas por ambas as fontes, apenas uma delas não tem sinal positivo (referente à administração pública pelos dados da PNAD Contínua).

10. Uma análise da evolução recente dos indicadores de rendimento pode ser conferida no texto *Retrato dos rendimentos do trabalho – resultados da PNAD Contínua do segundo trimestre de 2022*, de Sandro Sacchet de Carvalho, disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/category/mercado-de-trabalho>>.

11. As taxas reportadas no respectivo setor de atividade referentes ao Novo Caged são obtidas através da soma dos saldos dentre admissões e desligamento nos últimos doze meses normalizados pela população com carteira estimada pela PNAD Contínua no segundo trimestre de 2021.

12. As taxas reportadas no respectivo setor de atividade referentes ao Novo Caged são obtidas através da soma dos saldos dentre admissões e desligamento nos últimos doze meses normalizados pela população com carteira estimada pela PNAD Contínua no segundo trimestre de 2021.

TABELA 2

População ocupada por setores: variação interanual (2º trim./2020-2º trim./2022)
(Em %)

	2º trim. 2020	3º trim. 2020	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021	3º trim. 2021	4º trim. 2021	1º trim. 2022	2º trim. 2022
Agricultura	-7.8	-2.7	2.1	3.6	11.2	9.7	4.5	2.5	-1.1
Indústria Extrativa	9.7	-4.9	-11.3	-11.6	-4.8	5.0	12.1	9.8	4.7
Indústria Transformação	-9.9	-10.5	-7.3	-5.2	5.3	12.8	9.1	8.2	7.0
SIUP*	-10.6	-16.5	-26.3	-19.2	-18.6	-13.0	8.1	6.5	15.3
Construção Civil	-18.8	-14.7	-9.3	-2.5	22.2	20.1	17.4	12.7	7.1
Comércio	-12.6	-12.7	-10.3	-8.2	6.1	13.4	11.6	12.2	10.5
Informática, Financeira, Serviços a empresas	-4.7	-6.8	-0.8	0.9	9.1	10.4	7.2	4.0	2.1
Transporte	-9.9	-14.0	-11.5	-9.0	4.6	12.6	10.0	10.4	7.0
Serviços Pessoais	-17.6	-20.5	-18.3	-17.4	3.5	8.8	14.7	19.5	15.0
Administração Pública	3.2	1.3	1.9	-3.0	-3.0	-3.7	-2.4	2.6	-0.6
Saúde e Educação	-0.1	-5.4	-2.1	-0.6	-0.2	4.3	3.1	1.5	1.7
Alojamento e Alimentação	-26.1	-30.3	-27.6	-26.3	8.8	26.5	23.9	32.5	19.9
Serviços Domésticos	-25.6	-27.8	-23.8	-18.6	9.0	21.3	21.7	19.4	14.2

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ SIUP – serviços industriais de utilidade pública.

TABELA 3

População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (2º trim./2022)
(Em %)

	Novo Caged ¹	Com Carteira ²	Sem Carteira ³	Conta-Própria
Total	6.16	8.7	19.6	4.3
Agricultura	5.3	8.0	-5.1	-0.2
Indústria Extrativa	3.5	15.8	33.4	34.5
Indústria Transformação	4.8	10.2	13.9	4.8
SIUP	4.3	16.9	25.9	-2.4
Construção Civil	17.5	20.7	24.2	0.9
Comércio	6.3	13.1	29.1	7.1
Informática, Financeira, Serviços a empresas	9.6	6.1	25.0	-7.3
Transporte	7.4	9.5	24.1	7.0
Serviços Pessoais	16.7	19.8	29.7	14.9
Adm. Pública	0.8	-2.6	18.7	-
Saúde e Educação	2.7	2.3	35.8	4.5
Alojamento e Alimentação	21.0	29.6	31.4	11.0
Serviços Domésticos	-	17.7	19.1	-

Fonte: PNAD Contínua/IBGE; Novo Caged/Ministério da Economia.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Normalizado pela população estimada pela PNAD Contínua de trabalhadores formais do primeiro trimestre de 2021.

² Empregados com carteira, militares e estatutários.

³ Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração.

No comparativo entre os setores, os dados da PNAD Contínua revelam que alojamento e alimentação novamente apresenta o maior crescimento anual do emprego formal (29,6%), seguido de construção civil (20,7%). De forma geral, a variação do emprego formal por setor de atividade, reportada pelo Novo Caged, vai na mesma direção, ainda que com magnitudes menores. A título de ilustração, de acordo com o Novo Caged, os setores com maiores taxas de crescimento anual do emprego formal também foram alojamento e alimentação (21%) e construção civil (17,5%).

Por fim, observa-se que houve um aumento ainda maior do emprego sem carteira. Para todos os setores que cresceram, entre o segundo trimestre de 2021 e 2022, o aumento dos empregados sem carteira foi superior ao dos empregados com carteira. Deve-se destacar o comportamento do setor de educação e saúde, com forte crescimento do emprego sem carteira – 35,8%, ou seja, aproximadamente 625 mil trabalhadores –, sendo o maior responsável pelo aumento no número de empregados informais, tanto em termos percentuais quanto em números absolutos.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)
Fábio Servo
José Ronaldo de Castro Souza Júnior
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Diego Rosalino Marques
Felipe dos Santos Martins
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.